DONNAN, Hastings & MAGOWAN, Fiona. 2010. *The Anthropology of Sex*. Oxford: Berg.

Rosana Castro
Departamento de Antropologia, UnB

No livro *Anthropology of Sex*, a preocupação dos autores está em identificar diversas análises e articulações possíveis a partir do sexo numa perspectiva transcultural (*cross-cultural*). Em linhas gerais, o livro nos coloca diante de um painel no qual está disposta uma série de trechos de etnografias nas quais os debates mais candentes sobre sexo estão contemplados. Dentro de cada um dos oito capítulos, os debates explorados ganham complexidade, de modo que, ao folhearmos as páginas, a sensação é de poder verificar várias formas possíveis de articular trechos e análises etnográficos apresentados e os diferentes domínios e níveis nos quais as relações sexuais se situam. Não se caracterizando como uma monografia, mas como um sistematizador de discussões centrais no campo de estudos sobre sexo, a obra concatena trechos de etnografias realizadas em diversas partes do planeta nas quais o sexo foi tematizado. Por meio desses trechos, o livro seduz tanto pela variedade de estudos apresentados quanto pelas provocações que conduzem a reflexões sobre a complexidade do sexo e a variedade de relações que ele aciona e produz.

O livro apresenta o sexo não somente como o encontro erótico entre corpos, mas também como as relações de sedução, aproximação, dominação e controle sobre eles em diferentes níveis. Assim, a aposta fundamental da obra está em demonstrar que etnografias sobre sexo contêm o potencial de trazer à tona articulações de domínios diversos imbricadas nos movimentos de união e separação entre os corpos. Para os autores, tais movimentos estão localizados no tempo e no espaço e passam por uma série de transformações nos níveis local e global, sendo fundamental analisar os contextos específicos e também suas conexões com processos mais amplos.

Ao mesmo tempo em que salientam como os contextos etnográficos particulares modelam as percepções e as ações dos sujeitos, os autores pontuam diversas transformações históricas, como a revolução sexual nas décadas de 1960 e 1970, a constituição de movimentos sociais pela igualdade de gênero, as lutas pelo reconhecimento dos direitos de minorias sexuais, a epidemia do vírus HIV e o advento da internet como sinalizadores do fenômeno da globalização. Esses eventos são essenciais para interconectar processos contemporâneos relativos ao sexo na medida em

que estes ressituam e desafiam percepções sobre sexo e sua relação com os domínios da política, da economia, do território, da fisiologia e da intersubjetividade.

Transitando continuamente entre os níveis local e transcultural, a obra pode ser analisada a partir de duas abordagens que se interconectam e que dividem as preocupações nos capítulos. A primeira delas, contemplada nos três primeiros capítulos, diz respeito ao modo com que relações sexuais são localizadas histórica e culturalmente. Assim, percepções particulares sobre corpo, gênero e desejo, bem como os mecanismos de estímulo e controle desses elementos somente podem ser compreendidos a partir das chaves culturais específicas nas quais recebem significado. A segunda abordagem focaliza o modo com que relações entre pessoas de diferentes pertencimentos culturais, nacionais, raciais e étnicos possuem correspondência com processos transnacionais e globais de sedução e repulsão nos planos econômico, político e social.

Os autores iniciam a obra visitando trabalhos de alguns filósofos, psicólogos, sexólogos, antropólogos e teóricos do sexo de modo a identificar alguns debates-chave no início do século XX a respeito do tema e das transformações tanto no que toca o tratamento dessas discussões quanto no surgimento de novas preocupações. Salientando mais fortemente a antropologia, os autores apontam o quanto o início da produção da disciplina, como as etnografias de Malinowski e Mead, foi marcado por uma moralidade vitoriana que empurrava o sexo para enquadramentos como família, parentesco, casamento e estrutura social, que eram mais legítimos à época, mas que também tinham como parâmetro relações heterossexuais e voltadas ao casamento e à reprodução. Segundo Donnan e Magowan, a maior aceitação de relações homossexuais no campo, bem como as transformações históricas ocorridas nas décadas seguintes à produção desses autores fizeram com que a antropologia abrisse os olhos para campos e temas mais diversificados.

Ainda nos primeiros capítulos, os autores dialogam com a produção antropológica mais clássica, buscando deslocar quaisquer concepções universalizantes ou etnocêntricas a respeito de como o sexo deve ser estudado. Em um dos capítulos, trabalham-se as relações entre estética e sexo levando-se em conta a diversidade cultural de parâmetros e as expectativas sexuais sobre o corpo, determinadas partes do corpo e substâncias corporais. O controle ou o estímulo de contato com sêmen ou sangue menstrual, comprimento e cor de cabelo, presença ou ausência de pelos pubianos ou tatuagens, o recurso a cirurgias plásticas e estratégias de emagrecimento ou engorda são ressaltados como pontos-chave para identificação do que é fundamental numa discussão sobre corpo e sexo: a consideração entre o que é sexualmente repugnante ou contaminador e o que é um apelo ao desejo erótico em cada contexto cultural específico.

O corpo ora tematizado ganha movimento através de dança, *strip-tease*, *pole dancing*, *lap dance* e do próprio ato sexual no terceiro capítulo. Os autores exploram o quanto sexualidade e movimento se imbricam nos investimentos de conquista, sendo sons, ritmos e contato e comunicação dos corpos em movimento elementos essenciais para a compreensão do sexo como performance cultural. Os trechos de etnografias apresentadas nesse sentido buscam demonstrar que culturas enfatizam e relacionam diferentemente os cinco sentidos e o desejo, sendo as correlações entre eles, tanto no sentido do estímulo quanto no do controle, reveladoras de preferências políticas, religiosas e de gênero particulares.

Do quarto capítulo em diante temas como prostituição, relações extraconjugais, cybersexo, turismo sexual, violência sexual e direitos humanos são trabalhados e problematizados à luz da tensão entre particularidades locais e processos globais. O ponto inicial dos autores está na atividade profissional do sexo e nos deslocamentos que concepções locais e transnacionais a respeito da prostituição provocam sobre definições calcadas numa oposição entre sexo por dinheiro e sexo por prazer. São analisados contextos locais nos quais o recebimento de dinheiro ou presentes não caracteriza prostituição, bem como situações de prostituição na qual envolvimento emocional e prazer não necessariamente descaracterizam a atividade profissional do sexo. Nesse sentido, problematiza-se o sexo em meio a atividades mercantis e se iluminam complexidades de relações entre fluxos mercantis, desejo e emoção.

Tensões presentes na relação entre sexo e economia abrem alas para outras concatenações. Desejo, política e subjetividade encontram-se em reflexões sobre o modo como são constituídas, marcadas e transgredidas fronteiras sexuais de diversos níveis nos encontros entre pessoas de diferentes nacionalidades, gêneros, religiões e pertencimentos étnico-raciais. Os encontros desejados ou evitados com aqueles identificados como o Outro (*Other*) são identificados como situações cruciais nas quais subjetividades são estabelecidas, negociadas e transformadas. A preocupação central dos autores está em como o desejo é vivenciado nas relações sexuais entre migrantes, sendo tanto a atração quanto a repulsa pelo Outro fundamentais para a compreensão de situações nas quais se restabelecem ou transgridem fronteiras sexuais baseadas em identidades étnicas, raciais e nacionais.

Por fim, os capítulos finais do livro contemplam temas centrais da agenda das discussões sobre direitos humanos, como turismo sexual, violência sexual, pedofilia, circuncisão genital feminina, pornografia e crimes sexuais virtuais. Conjunturas que desafiam os limites do discurso dos direitos humanos por sua legitimidade local ou pela falta de ancoragem territorial, como o caso de relações sexuais através da internet, trazem à tona as controvérsias em torno dos direitos sexuais. Abstendo-se

de dar um parecer claro a respeito de como se posicionam diante do relativismo cultural ou da universalidade dos direitos, os autores encerram a obra argumentando que termos associados à violência sexual, como estupro e pornografia, devem ser vistos como sistemas de representações que definem engajamentos sexuais diversificados e que estão diferentemente sujeitos a ramificações políticas, legais e religiosas transculturalmente.

Em *Anthropology of Sex,* sexo é o eixo a partir do qual são analisados os modos com que uma pluralidade de relações físicas, políticas, intersubjetivas, eróticas e transnacionais são construídas, acionadas ou transformadas. O esforço dos autores em apontar no livro os principais debates e tensões internas às discussões mais quentes sobre sexo objetificado é de grande valia para pesquisadores e estudantes do tema. A análise transcultural é a ferramenta utilizada por eles de forma bem-sucedida tanto para demonstrar, através de trechos de etnografias, a complexidade do sexo quanto para deslocar percepções estanques a respeito de temas relacionados ao assunto.

Contudo, a principal virtude da obra é também seu principal problema. Por vezes os autores falam em culturas como peças monolíticas a partir das quais é possível denotar diferenças e estabelecer comparações (Abu-Lughod, 2006). Por mais que algumas etnografias trazidas no texto permitam entrever variabilidades e sujeitos no interior dos contextos, o retorno a ideias como cultura e Ocidente para delimitar contextos específicos ao longo da obra imprime um tom essencialista no traçado de diferenças, principalmente aquelas fundadas sobre os limites de um suposto Estado-nação. Ainda que retiradas de etnografias citadas apenas parcialmente no texto, a não problematização de generalizações contidas na noção de cultura, cujo sentido não foi claramente desvelado na obra, torna temerário o uso do vocábulo em diversas passagens. Os trechos de etnografias citados no livro, em detrimento da profundidade das relações desses contextos, denotam o privilégio dado à variedade da produção antropológica sobre sexo. Tal escolha, ainda que permeada pelos problemas anteriormente citados, identifica não somente análises e relações inusitadas, mas também ilumina complexidades concernentes à concatenação de domínios políticos, econômicos, sociais e intersubjetivos nas quais relações sexuais estão implicadas.

Referências bibliográficas

Abu-Lughod, Lila. 2006. "Writing Against Culture". In: Ellen Lewin (ed.). *Feminist Anthropology*. A Reader. Oxford: Blackwell. pp. 153-169.